

*"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos."* – BBC

# MAGO

LIVRO TRÊS  
ESPINHO DE PRATA

Raymond E. Feist





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

## SUMÁRIO

Livro 3 – Espinho de Prata: Arutha e Jimmy .....	11
Prólogo – Crepúsculo .....	13
Capítulo 1 – Reencontro .....	18
Capítulo 2 – Krondor .....	34
Capítulo 3 – Conspirações .....	53
Capítulo 4 – Revelações .....	79
Capítulo 5 – Eliminação .....	95
Capítulo 6 – Recepção .....	108
Capítulo 7 – Casamento .....	129
Capítulo 8 – Juramento .....	147
Capítulo 9 – Floresta .....	162
Capítulo 10 – Sarth .....	174
Capítulo 11 – Confronto .....	189
Capítulo 12 – Rumo ao norte .....	208
Capítulo 13 – Doca da Estrela .....	229
Capítulo 14 – Elvandar .....	256
Capítulo 15 – Regresso .....	275
Capítulo 16 – Moraelin .....	298
Capítulo 17 – Senhor da Guerra .....	315
Capítulo 18 – Vingança .....	339
Capítulo 19 – Continuação .....	366
Epílogo – Retirada .....	378
Agradecimentos .....	382

*Este livro é dedicado aos meus sobrinhos  
Benjamin Adam Feist,  
Ethan Aaron Feist,  
Alicia Jeanne Lareau,  
todos eles pequenos magos.*

LIVRO 3 — ESPINHO DE PRATA

# ARUTHA E JIMMY

“Simultâneos com ele se levantam  
Fazendo na abalada estrondo surdo  
(Qual tempestade trovejando ao longe)”

– MILTON, *Paraíso Perdido*

Livro II, l.476<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> John Milton, *Paraíso Perdido*, eBooksBrasil [on-line], Tradução de Antonio José de Lima Leitão. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html> (Consultado em 05 de dezembro de 2013).

## Prólogo

### **Crepúsculo**

O sol se punha atrás dos cumes. Os últimos raios de calor tocavam a terra e somente o brilho rosado do dia permanecia. Do leste, uma escuridão azul-violeta se aproximava rapidamente. O vento cortava as colinas como uma lâmina de gume afiado, como se a primavera não passasse de um sonho vago. O gelo do inverno ainda se agarrava a bolsas protegidas pela sombra e estalava ruidosamente sob os saltos das pesadas botas. Na escuridão do entardecer, surgiram três silhuetas à luz da fogueira.

A bruxa velha ergueu a vista e seus olhos se arregalaram ligeiramente ao ver os três. Reconheceu a silhueta à esquerda, o grande e mudo guerreiro de cabeça raspada e com uma única mecha comprida no couro cabeludo. Ele já a procurara anteriormente, em busca de símbolos mágicos para estranhos rituais. Embora se tratasse de um poderoso chefe militar de clã, ela o mandara embora, pois sua natureza era pérfida e, ainda que raras vezes desse importância às questões do bem e do mal, até a bruxa tinha os seus limites. Além disso, tinha pouco apreço pelos moredhel, especialmente por aquele que cortara a própria língua em sinal de devoção a poderes obscuros.

O guerreiro mudo a observava com olhos azuis, incomuns para um ser de sua raça. Tinha ombros mais largos do que a maioria, mesmo para um membro dos clãs das montanhas, que costumavam possuir braços e ombros mais fortes do que seus primos que habitavam as florestas. O mudo usava

argolas de ouro nas grandes orelhas, que formavam uma curva ascendente, dolorosas de furar, pois os moredhel não possuíam lóbulos. Apresentava três cicatrizes em cada lado do rosto, símbolos místicos cujo significado não se perdera para a bruxa.

O mudo fez sinal aos companheiros e o que estava mais à direita pareceu fazer um aceno com a cabeça. Era difícil perceber, pois trajava um manto comprido com um grande capuz que escondia suas feições. Ambas as mãos estavam escondidas em mangas volumosas que eram mantidas juntas. Como se falasse de longe, a silhueta de manto disse:

— Nós procuramos alguém que saiba ler símbolos. — Sua voz era sibilante, quase um silvo, e percebia-se nela algo sobrenatural. Uma mão surgiu e a bruxa recuou, pois era disforme e coberta de escamas, como se o ser possuísse garras cobertas de pele de cobra. Percebeu então o que era a criatura: um sacerdote do povo serpente pantathiano. Em comparação com o povo serpente, a bruxa tinha os moredhel em alta conta.

Ela desviou a atenção das figuras que estavam dos lados e concentrou-se na que estava no centro. Era um palmo mais alto do que o mudo, com uma constituição ainda mais impressionante. Devagar, ele despiu o manto de pele de urso, sendo que o crânio do urso servia de capacete, e atirou-o para o lado. A velha bruxa arquejou, pois era o moredhel mais impressionante que já vira em sua longa vida. Vestia as calças pesadas, o colete justo e as botas até o joelho dos clãs das montanhas e exibia o peito nu. À luz do fogo, seu corpo musculoso reluzia, inclinando-se para a frente de modo a examinar a bruxa. Quase amedrontava, aquele rosto que beirava a perfeição. Porém, o que a fez arquejar, para além da impressionante aparência, foi o sinal no peito.

— Você me conhece? — perguntou ele à bruxa, que assentiu.

— Sei quem você parece ser.

Ele inclinou-se ainda mais, até ficar com o rosto iluminado de baixo para cima pelo fogo, revelando algo em sua natureza.

— Sou quem pareço ser — sussurrou, sorrindo. Ela teve medo, já que, por trás das belas feições, por trás do sorriso amável, viu o rosto da maldade, uma maldade tão pura que era quase insuportável. — Procuramos quem interprete símbolos para nós — repetiu, com uma voz cujo som transparecia loucura límpida como gelo.

Ela soltou um riso abafado.

— Quer dizer que há limites até para alguém com tamanhos poderes? O sorriso do belo moredhel desapareceu lentamente.

— Não conseguimos prever nosso próprio futuro.

— Eu preciso de prata — disse ela, conformada com sua provável sorte.

O moredhel fez um aceno com a cabeça. O mudo tirou uma moeda da bolsa presa ao cinto, atirando-a para o chão em frente da bruxa. Sem tocá-la, ela preparou alguns ingredientes numa taça de pedra. Quando terminou a mistura, despejou-a por cima da prata. Ouviu-se um silvo, produzido pela moeda e pelo homem serpente. Uma garra de escamas verdes começou a fazer sinais e a bruxa advertiu:

— Não quero essas bobagens, cobra. Sua magia da terra quente só irá dificultar a minha leitura.

O homem serpente foi refreado por um toque delicado e um sorriso da figura ao centro, que acenou com a cabeça para a bruxa.

Em voz áspera, com a garganta seca de medo, a bruxa disse:

— Diga então: o que quer saber? — Examinou a moeda de prata que sibilava, coberta por um muco verde e borbulhante.

— Chegou o momento? Deverei agir agora, como me foi ordenado?

Uma labareda verde e luminosa saltou da moeda e dançou. A bruxa seguiu seu movimento atentamente e o que seus olhos viam na labareda mais ninguém conseguia divisar.

— As Pedras de Sangue formam a Cruz de Fogo — disse pouco depois. — Aquilo que você é, você é. Aquilo que tem de fazer desde que nasceu... faça! — A última palavra foi proferida com alguma dificuldade.

Algo inesperado surgiu no semblante da bruxa, pois o moredhel perguntou:

— Que mais, bruxa velha?

— Ao contrário do que você julga, há quem possa se opor a você. Alguém será a causa de sua ruína. Você não está sozinho, pois atrás de você... Não entendo. — A sua voz era débil, parecia cansada.

— O quê? — Desta vez, o moredhel não sorriu.

— Algo... algo imenso, algo distante, algo pérfido.

O moredhel ficou pensativo; virando-se para o homem serpente, falou em voz baixa embora num tom autoritário:

— Vá, Cathos. Empregue as suas habilidades secretas e descubra onde reside esse ponto fraco. Dê um nome ao nosso inimigo. Encontre-o.

O homem serpente fez uma reverência desajeitada e saiu da caverna arrastando os pés. O moredhel virou-se para o companheiro mudo e disse:

— Erga os estandartes, meu general, e reúna os clãs leais nas planícies de Isbandia, sob as torres de Sar-Sargoth. Acima de todos, erga o estandarte que escolhi como meu e deixe que todos saibam que começamos agora o que nos foi ordenado. Você será o meu comandante, Murad, e todos saberão que é o mais importante dentre aqueles que me servem. Glória e grandeza nos aguardam. Quando a cobra louca identificar nossa vítima, avance ao comando dos Assassinos Negros. Deixe que aqueles cujas almas me pertencem nos sirvam em busca do nosso inimigo. Encontre-o! Destrua-o! Vá!

O mudo assentiu e saiu. O moredhel com o sinal no peito virou-se para a bruxa.

— Diga-me, escória humana, você sabe que poderes obscuros se movem?

— Sim, mensageiro da destruição, sei. Pela Senhora Negra, eu sei.

O moredhel riu, produzindo um som gélido e desprovido de humor.

— Eu ostento o símbolo — disse, apontando para a marca de nascença de cor púrpura, que parecia resplandecer furiosamente à luz do fogo. Era óbvio que não se tratava de uma simples desfiguração, e sim de uma espécie de talismã mágico, pois formava a silhueta perfeita de um dragão em pleno voo. Ergueu um dedo, apontando para cima. — Possuo o poder. — Fez um movimento circular com o dedo levantado. — Sou o predestinado. Sou o destino.

A bruxa acenou a cabeça em concordância, sabendo que a morte se precipitava para abraçá-la. De repente, começou a mover os lábios proferindo um feitiço complexo, agitando desenfadadamente as mãos no ar. Um poder crescente manifestou-se na caverna e ouviu-se um estranho ruído lúgubre tomar conta da noite. O guerreiro à sua frente se limitou a balançar a cabeça. Ela lançou um feitiço contra ele que deveria tê-lo fulminado de imediato, mas ele ali permaneceu, sorrindo maldosamente.

— Está tentando me testar com suas insignificantes artes, vidente?

Percebendo que não havia funcionado, ela fechou os olhos aos poucos e endireitou-se, aguardando sua sorte. O moredhel apontou o dedo e dele saiu um raio prateado de luz que atingiu a bruxa. Ela gritou, consumida por dores atroz, e explodiu num fogo branco e quente. Por um instante, sua forma escura contorceu-se naquele inferno até que as labaredas se extinguíram.

O moredhel olhou de relance para as cinzas que jaziam no chão, for-

mando o contorno de um corpo. Dando uma gargalhada ruidosa, pegou o manto e saiu da caverna.

Lá fora, os companheiros o aguardavam, segurando seu cavalo. Ao longe, conseguia ver o acampamento de seu bando, ainda pequeno, mas destinado a crescer. Montou e ordenou:

— Para Sar-Sargoth!

Dando um puxão nas rédeas, fez o cavalo virar e conduziu o mudo e o sacerdote serpente pela encosta.

## Reencontro

O navio avançava de volta para casa. O vento mudou de direção e ouviu-se a voz do capitão; nos mastros, a tripulação correu para responder às exigências de uma brisa fresca e de um capitão ansioso por chegar a um porto seguro. Era um navegador experiente, pois estivera a serviço da Marinha do Rei durante quase trinta anos e comandara sua própria embarcação durante dezessete. Embora o *Águia Real* fosse o melhor navio da frota do Rei, o capitão desejou que o vento soprasse um pouco mais forte, que avançasse um pouco mais depressa, pois não descansaria até desembarcar os passageiros em segurança.

No castelo de proa encontravam-se as razões para a preocupação do capitão: três homens altos. Dois deles, um louro e outro moreno, estavam junto à amurada, rindo de uma piada que compartilhavam. Ambos tinham poucos centímetros abaixo dos 2 metros de altura e mostravam a atitude segura de um guerreiro ou de um caçador. Lyam, Rei do Reino das Ilhas, e Martin, seu irmão mais velho e Duque de Crydee, falavam de vários assuntos, de caçadas e banquetes, de viagens e política, de guerra e discórdias e, de vez em quando, falavam do pai, o Duque Borric.

O terceiro homem, não tão alto nem com ombros tão largos quanto os outros dois, estava apoiado na amurada, a curta distância, perdido em seus pensamentos. Arutha, Príncipe de Krondor e o mais novo dos três irmãos, ponderava igualmente sobre o passado, embora sua visão não fosse a do pai

morto durante a guerra com os tsurani, naquela que passara a ser conhecida como a Guerra do Portal. Em vez disso, atentava para o rastro deixado pela proa ao cortar as águas verde-esmeralda e, naquele verde, via dois olhos verdes e reluzentes.

O capitão olhou para cima e deu ordens para que as velas fossem manejadas. Voltou a reparar nos três homens na proa e dirigiu, uma vez mais, uma prece silenciosa a Kilian, Deusa dos Marinheiros, ansiando avistar as altas torres espirais de Rillanon. Pois aqueles eram os três homens mais poderosos e importantes do Reino e o capitão se recusava a pensar no caos que assolaria o Reino caso a má sorte visitasse aquele navio.

Arutha ouvia vagamente os gritos do capitão e as respostas dos imediatos e da tripulação. Estava exausto devido aos acontecimentos do ano anterior, por isso pouca atenção dava ao que se passava ao seu redor. Conseguia apenas pensar em uma coisa: estava voltando para Rillanon e para Anita.

Arutha sorriu. Sua vida parecera banal nos primeiros dezoito anos, até que acontecera a invasão dos tsurani e o mundo mudara para sempre. Fora considerado um dos melhores comandantes do Reino, descobrira que, sem ninguém suspeitar, Martin era seu irmão mais velho, e testemunhara milhares de horrores e milagres. Contudo, Anita fora o que de mais milagroso acontecera a Arutha.

Tinham se separado após a coroação de Lyam. Durante quase um ano, Lyam apresentara o estandarte real aos senhores do Oriente e a reis vizinhos, e estavam agora voltando para casa.

A voz de Lyam interrompeu os devaneios de Arutha:

— O que você está vendo no brilho das ondas, irmãozinho?

Martin sorriu quando Arutha levantou os olhos do mar, e o antigo Mestre de Caça de Crydee, outrora chamado Martin do Arco, inclinou a cabeça para o irmão mais novo.

— Aposto um ano de impostos em como ele está vendo nas ondas um par de olhos verdes e um sorriso atrevido.

— Não é preciso apostar, Martin — disse Lyam. — Desde que partimos de Rillanon, recebi três mensagens de Anita sobre este ou aquele assunto de Estado. Tudo conspira para mantê-la em Rillanon, embora a mãe dela tenha regressado às propriedades que lhes pertencem, um mês após a minha coroação. Já Arutha, fazendo uma estimativa por alto, recebeu nesse período uma média de mais de duas mensagens por semana. Daí podemos tirar uma ou duas conclusões.

— Eu também estaria mais do que ansioso por voltar se tivesse alguém como ela à minha espera — concordou Martin.

Arutha era uma pessoa reservada e ficava de mau humor quando tinha de revelar sentimentos íntimos, e essa sensibilidade aumentava quando a questão envolvia Anita. Encontrava-se irremediavelmente apaixonado pela jovem e esbelta mulher, inebriado pela forma como ela se deslocava, pelos sons que produzia, pelo modo como o olhava. Ainda que aqueles fossem, muito provavelmente, os dois únicos homens em Midkemia de quem se sentia próximo a ponto de partilhar seus sentimentos, nunca achara graça, nem sequer quando era mais novo, quando era alvo de piada.

Vendo a expressão de Arutha ficar carregada, Lyam acrescentou:

— Afaste esse olhar sombrio, Nuvenzinha Tempestuosa. Além de ser seu Rei, também sou seu irmão mais velho e, se for preciso, posso dar um puxão de orelha em você.

Ao ouvir o apelido carinhoso pelo qual a mãe o tratava e imaginando a cena improvável do Rei puxando as orelhas do Príncipe de Kronдор, Arutha esboçou um sorriso. Ficou calado por um instante, até que disse:

— Estou apreensivo, pois posso tê-la interpretado mal nesse assunto. Suas cartas, ainda que afetuosas, são formais e, por vezes, distantes. Além do mais, existem muitos jovens na corte de seu palácio.

— Desde o dia em que fugimos de Kronдор — disse Martin —, seu destino ficou selado, Arutha. Ela o manteve sob a mira de seu arco desde sempre, como um caçador perseguindo um veado. Mesmo antes de chegarmos a Crydee, quando estávamos escondidos, ela, de certo modo, já olhava para você. Não, ela está à sua espera, não tenha dúvida.

— Além disso — acrescentou Lyam —, você confessou a ela o que sente.

— Bom, não o fiz com todas as palavras. Porém lhe declarei minha mais profunda afeição.

Lyam e Martin se entreolharam.

— Arutha — disse Lyam —, você escreve com a paixão de um escriba que faz o registro dos impostos no final do ano.

Os três riram. Os meses de viagem tinham permitido uma redefinição da relação entre os irmãos. Martin fora mentor e amigo dos outros dois quando eram jovens, ensinando-lhes a caçar e a sobreviver na floresta. Contudo, também fora plebeu, embora ocupasse, como Mestre de Caça, uma posição elevada na hierarquia da corte do Duque Borric. Diante da revelação de que era filho bastardo do pai deles, um meio-irmão mais velho, todos tinham atravessado um período de adaptação. Desde então, tinham

passado pela camaradagem falsa daqueles que procuravam cair em suas boas graças, as promessas vãs de amizade e lealdade por parte daqueles que procuravam lucrar e, durante esse período, tinham descoberto algo mais. Nos outros, cada um deles encontrara dois homens de confiança, com quem podiam partilhar confidências, que compreendiam o que significava aquela súbita ascensão à notabilidade e que partilhavam as pressões das responsabilidades recentemente impostas. Nos outros dois, cada um deles encontrou dois amigos.

Arutha balançou a cabeça, rindo de si mesmo.

— Creio que eu também soube desde sempre, embora tivesse dúvidas. Ela é tão jovem.

— Ela tem quase a mesma idade que nossa mãe tinha quando se casou com nosso pai, não é verdade? — disse Lyam.

Arutha encarou Lyam com um olhar cético.

— Você tem resposta para tudo?

Martin deu um tapinha nas costas de Lyam.

— Claro que tem — disse, e, em voz baixa, acrescentou: — Por isso ele é o Rei.

Enquanto Lyam se virava, fingindo um ar carrancudo para Martin, o irmão mais velho continuou:

— Assim sendo, quando regressarmos, peça-a em casamento, querido irmão. Depois, podemos acordar o velho Padre Tully, que deve estar dormindo em frente à lareira, e prosseguimos todos até Krondor para assistirmos a um belo casamento. E eu posso dar por terminadas todas essas malditas viagens e regressar a Crydee.

Ouviu-se uma voz do alto gritando:

— Terra à vista!

— Onde?

— Adiante.

Olhando ao longe e devido à vista experiente de caçador, Martin foi o primeiro a distinguir a costa distante. Colocou calmamente as mãos nos ombros dos irmãos. Pouco depois, todos conseguiam distinguir o contorno longínquo de torres altas perfiladas no céu azul.

Em voz baixa, Arutha disse:

— Rillanon.

**O** som de passos delicados e o farfalhar de uma saia comprida levantada acima de pés apressados acompanhavam a visão de uma figura esguia

avançando resolutamente por um corredor comprido. As feições encantadoras da dama confirmavam com precisão que a beleza reinante da corte mostrava um semblante de aparência pouco agradável. Os guardas colocados ao longo do corredor olhavam em frente, embora a seguissem com os olhos. Mais do que um guarda ponderou sobre quem seria o alvo provável do famoso temperamento da senhora e sorriu interiormente. O cantor estava prestes a sofrer um despertar abrupto, literalmente.

De uma forma que nada condizia a uma dama, a Princesa Carline, irmã do Rei, passou a toda a velocidade por um criado assustado que tentou saltar para o lado e, ao mesmo tempo, fazer uma reverência, uma manobra que o fez cair de costas enquanto Carline desaparecia na ala do palácio reservada aos hóspedes.

Quando chegou a uma porta, esperou. Ajeitando o cabelo com umas palmadinhas, ergueu a mão para bater, mas se deteve. Apertou os olhos azuis, ficando irritada diante do pensamento de ter de esperar que a porta se abrisse, por isso limitou-se a abri-la sem se fazer anunciar.

O quarto estava às escuras, uma vez que as cortinas ainda estavam corridas. A grande cama estava ocupada por um monte debaixo dos cobertores que gemeu quando Carline bateu com a porta depois de entrar. Tentando não pisar na roupa espalhada pelo chão, afastou as cortinas com um puxão, deixando entrar a luz brilhante da manhã avançada. Ouviu outro gemido do monte e viu uma cabeça com dois olhos vermelhos espiando por cima dos cobertores.

— Carline — ouviu-se uma voz rouca —, você está tentando me fazer murchar até a morte?

Aproximando-se da cama, ela retorquiu:

— Se você não tivesse vadiado a noite toda e se houvesse comparecido ao desjejum como seria de esperar, talvez tivesse ouvido que o navio de meus irmãos foi avistado. Atracarão dentro de duas horas.

Laurie de Tyr-Sog, trovador, viajante, antigo herói da Guerra do Portal e, nos tempos mais recentes, menestrel da corte e companheiro constante da Princesa, sentou-se, esfregando os olhos cansados.

— Não estive vadiando. O Conde de Dolth insistiu em ouvir todas as músicas do meu repertório. Cantei quase até o nascer do sol. — Pestanejou e sorriu para Carline. Coçando a barba loura e bem aparada, prosseguiu: — O homem possui uma resistência inesgotável, mas também possui um excelente gosto musical.

Carline sentou-se na beira da cama, inclinou-se e deu-lhe um beijo rá-

vido. Soltou-se com destreza dos braços que procuravam envolvê-la. Mantendo-o afastado com a mão no peito dele, disse:

— Ouça, rouxinol apaixonado: Lyam, Martin e Arutha chegarão logo e, assim que Lyam der a recepção real e tratar de todas as formalidades, vou falar com ele sobre nosso casamento.

Laurie olhou ao redor como se procurasse um canto onde pudesse desaparecer. Ao longo do ano, a relação entre ambos se desenvolvera em intensidade e paixão, porém Laurie sofria de uma espécie de reflexo condicionado de fuga no que dizia respeito ao tema casamento.

— Ora, Carline... — começou.

— Ora, Carline digo eu! — interrompeu ela, batendo com o dedo em seu peito nu. — Seu bufão! Pois eu tive príncipes orientais, os filhos de metade dos duques do Reino e sabe-se lá quantos mais implorando permissão simplesmente para me cortejar, e eu sempre os ignorei. Para quê? Para que um músico desmiolado brinque com meus sentimentos? Pois bem, teremos um acerto de contas.

Laurie sorriu, puxando o cabelo louro e desgrenhado para trás. Sentou-se e, antes que ela pudesse reagir, beijou-a apaixonadamente. Quando se afastou, disse:

— Carline, amor da minha vida, por favor... Já falamos sobre este assunto.

Ela arregalou os olhos, que tinham permanecido semicerrados durante o beijo.

— Oh! Já falamos sobre este assunto? — disse, furiosa. — Vamos casar. Está decidido. — Levantou-se para evitar que Laurie a abraçasse novamente. — Tornou-se o escândalo da corte: a Princesa e seu amante menestrel. Nem sequer é uma história original. Estou me tornando motivo de piada. Maldição, Laurie! Tenho quase vinte e seis anos. A maior parte das mulheres da minha idade já está casada há oito, nove anos. Você quer que eu morra solteirona?

— Nem pensar, meu amor — respondeu ele, ainda com ar divertido.

Além da beleza de Carline e das baixas probabilidades de alguém chamá-la de solteirona, ela era dez anos mais nova do que ele, por isso considerava-a jovem, uma impressão constantemente corroborada pelos acessos de fúria infantil. Endireitou-se na cama e abriu as mãos num gesto de impotência enquanto tentava reprimir o riso.

— Sou o que sou, minha querida, nem mais nem menos. Estou aqui há mais tempo do que alguma vez estive aonde quer que fosse quando era

um homem livre. Admito, porém, que este é um cativo muito mais agradável do que o último. — Ele se referia aos anos de escravidão que passara em Kelewan, o mundo dos tsurani. — No entanto, nunca se sabe quando voltarei a desejar vagar pelo mundo. — Era nítido que ela ia ficando cada vez mais furiosa enquanto o ouvia falar, sendo forçado a admitir que, grande parte das vezes, era ele que revelava o que de pior havia na natureza de Carline. Depressa mudou de estratégia: — Além disso, não sei se daria um bom... seja lá o que for que se chama ao marido da irmã do Rei.

— Então o melhor é que se acostume a isso. Agora, levante-se e vista-se.

Laurie apanhou as calças que ela lhe atirou e vestiu-as rapidamente. Quando acabou de se vestir, colocou-se na frente dela e passou-lhe os braços pela cintura.

— Desde o dia em que nos conhecemos sou seu servo amoroso, Carline. Nunca ameí, nem irei amar ninguém como amo você, mas...

— Já sei. Há meses que ouço as mesmas desculpas. — Ela voltou a bater com o dedo em seu peito. — Você sempre foi um viajante — disse, imitando-o. — Sempre foi livre. Não sabe como iria se sentir fixando-se em um lugar, embora eu tenha reparado que você conseguiu suportar bem a estadia aqui no palácio do Rei.

Laurie olhou para cima.

— É verdade.

— Pois bem, meu amante, essas desculpas podem funcionar quando você se despede da pobre filha de um estalajadeiro, mas aqui de pouco servem. Veremos o que pensa Lyam de tudo isso. Calculo que deva haver uma ou outra lei antiga nos arquivos que aborde o fato de plebeus se envolverem com nobres.

Laurie soltou um riso abafado.

— E há. Meu pai tem direito a um soberano de ouro, um par de mulas e uma fazenda por você ter se aproveitado de mim.

De repente, Carline deu risadinhas, tentou abafá-las e acabou por gargalhar.

— Cretino. — Abraçando-o com força, pousou a cabeça em seu ombro e suspirou. — Nunca consigo ficar zangada com você.

Ele a embalou delicadamente nos braços e disse baixinho:

— De vez em quando, é verdade que dou razões para isso.

— Pois é, você dá.

— Bom, poucas vezes.

— Veja bem, rapazinho — disse ela. — Os meus irmãos estão chegando ao porto neste exato momento e você está aqui parado discutindo. Você pode se atrever a tomar liberdades comigo, mas o Rei é capaz de ter uma perspectiva bem diferente da situação.

— Esse tem sido o meu receio — disse Laurie, revelando uma clara preocupação na voz.

Subitamente, o estado de espírito de Carline serenou. Sua expressão se alterou para lhe dar coragem.

— Lyam fará o que eu pedir. Desde muito pequena, ele nunca foi capaz de negar nada que eu realmente queria. Não estamos em Crydee. Ele sabe que aqui tudo é diferente e que eu já não sou criança.

— Eu reparei.

— Bandido! Olhe, Laurie, você não é um simples agricultor ou sapa-teiro. Fala mais idiomas do que qualquer nobre “instruído” que conheci. Lê e escreve. É muito viajado, tendo até conhecido o mundo dos tsurani. É perspicaz e talentoso. Tem mais capacidade de governar do que aqueles que nasceram destinados a isso. Além do mais, se posso ter um irmão mais velho que era caçador antes de se tornar duque, porque não hei de ter um marido que foi bardo?

— Sua lógica é irreprensível. Não tenho uma resposta à altura. Meu amor por você não tem limites, mas quanto ao resto...

— O seu problema é que possui a capacidade de governar mas não deseja a responsabilidade. É preguiçoso.

Ele riu.

— Por isso o meu pai me expulsou de casa aos 13 anos. Justificou-se dizendo que eu nunca iria ser um agricultor aceitável.

Carline afastou-se dele devagar e sua voz ganhou um tom sério:

— As coisas mudam, Laurie. Ponderei muito sobre esse assunto. Por duas vezes julguei estar apaixonada, mas você é o único homem que me levou a esquecer quem eu era e a agir de modo tão indigno. Quando estou com você, nada faz sentido, mas não importa, pois não me interessa se a forma como me sinto faz algum sentido. Contudo, agora tenho de me importar. Você tem de escolher, e sem demora. Aposto minhas joias em como não demorará um dia após a chegada de meus irmãos até Arutha e Anita anunciarem que estão noivos. O que significa que partiremos todos rumo a Krondor para o casamento. Quando estiverem casados, voltarei para cá com o Lyam. Caberá a você a decisão de nos acompanhar, Laurie. — Olhou-o nos olhos. — Tenho passado momentos maravilhosos com

ocê. Jamais imaginei ser possível sentir o que sinto quando tinha meus sonhos de garota com o Pug e depois com o Roland. Contudo, você tem de se preparar para escolher. Você é meu primeiro amante e será sempre o meu grande amor, mas, quando regressarmos para cá, você será meu marido ou somente uma lembrança.

Antes de Laurie ter chance de responder, ela avançou para a porta.

— Amo você de todas as formas, meu bandido. Mas o tempo urge. — Fez uma pausa. — Agora, venha comigo cumprimentar o Rei.

Laurie avançou até ela e abriu-lhe a porta. A passo rápido, dirigiram-se até onde as carruagens aguardavam para levar o comitê de boas-vindas às docas. Laurie de Tyr-Sog, trovador, viajante e herói da Guerra do Portal, estava perfeitamente consciente da presença daquela mulher a seu lado, o que o levava a cogitar como seria se essa presença lhe fosse negada para sempre. Diante dessa probabilidade, sentiu-se incontestavelmente infeliz.

**R**illanon, capital do Reino das Ilhas, aguardava a chegada de seu Rei, que voltava para casa. Os edifícios estavam adornados com panos festivos e flores de estufa. Elegantes flâmulas esvoaçavam sobre os telhados e faixas de todas as cores estavam audaciosamente presas entre os edifícios por cima das ruas por onde o Rei iria passar. Conhecida como a Joia do Reino, Rillanon se espalhava sobre as encostas de muitas colinas, um lugar maravilhoso de pináculos elegantes, arcos graciosos e vão delicados. O falecido Rei Rodric iniciara a restauração da cidade, acrescentando belas pedras de mármore e quartzo às fachadas de grande parte dos edifícios voltados para o palácio, emprestando à cidade uma aparência de reino encantado sob os raios de sol vespertinos. O *Águia Real* aproximou-se da doca do Rei, onde o comitê de boas-vindas aguardava. A distância, nos edifícios, ruas e encostas que proporcionavam uma vista livre da doca, multidões de cidadãos aclamavam o regresso do jovem Rei. Durante muitos anos, Rillanon vivera sob a nuvem escura da demência do Rei Rodric e, embora Lyam ainda fosse desconhecido para a maior parte da população da cidade, já era adorado, pois era jovem e belo, sua valentia na Guerra do Portal era amplamente conhecida e ele revelara uma enorme generosidade: baixara os impostos.

Com a tranquilidade de um mestre, o prático do porto conduziu até o local determinado o navio do Rei, que foi amarrado rapidamente e teve o portaló estendido.

Arutha observou enquanto Lyam descia antes de todos. Tal como ditava a tradição, o Rei pôs-se de joelhos e beijou o chão de sua pátria. Os

olhos de Arutha varreram a multidão em busca de Anita, porém, na turba de nobres que corriam para cumprimentar Lyam, não viu sinais da Princesa. Sentiu o golpe frio de uma dúvida passageira.

Martin deu uma cotovelada em Arutha, que — assim impunha o protocolo — seria o segundo a desembarcar. Arutha apressou-se portá-lo abaixo, com Martin logo atrás. Viu a irmã, que saía correndo do lado de Laurie, o cantor, para abraçar Lyam. Embora os demais presentes no comitê de boas-vindas não fossem tão avessos aos rituais como Carline, ouviram-se aclamações espontâneas dos membros da corte e dos guardas que aguardavam as ordens do Rei. De repente, os braços de Carline já estavam ao redor do pescoço de Arutha enquanto ela lhe dava um beijo e um abraço.

— Oh, tive saudades desse seu ar carrancudo — disse alegremente.

Arutha exibia a expressão severa que lhe era típica quando estava perdido em pensamentos.

— Qual ar carrancudo? — perguntou.

Carline olhou nos olhos de Arutha e, com um sorriso inocente, respondeu:

— Parece que você engoliu uma coisa que está se mexendo.

Martin deu uma gargalhada, mas foi abraçado logo em seguida por Carline. De início, ficou rígido, pois ainda não se acostumara com a presença de uma irmã como havia se habituado à dos dois irmãos, porém acabou relaxando e abraçando-a.

— Fiquei entediada sem ter vocês três por perto — disse Carline.

Vendo Laurie a curta distância, Martin abanou a cabeça.

— Ao que parece, não muito entediada.

Com ar divertido, Carline retorquiu:

— Não há lei nenhuma que especifique que só os homens podem satisfazer seus caprichos. Além disso, é o melhor homem que já conheci e que não é meu irmão. — Martin não conseguiu evitar um sorriso, enquanto Arutha continuava à procura de Anita.

Lorde Caldric, Duque de Rillanon, Conselheiro Principal do Rei e tio-avô de Lyam, sorriu largamente quando a enorme mão do Rei envolveu a sua num vigoroso aperto de mão. Lyam quase teve de gritar para se fazer ouvir, devido às aclamações de quem estava ali perto.

— Meu tio, como vai nosso Reino?

— Vai bem, meu Rei, agora que você voltou.

Vendo que Arutha ficava cada vez mais angustiado, Carline disse:

— Deixe de lado esse ar desapontado, Arutha. Ela está à sua espera no jardim oriental.

Arutha deu um beijo no rosto de Carline, afastou-se dela e de um Martin risonho e, ao passar como uma seta por Lyam, gritou:

— Com a permissão de Vossa Majestade.

A expressão de Lyam passou depressa da surpresa à alegria, enquanto Caldric e os demais membros da corte ficavam pasmos com o comportamento do Príncipe de Krondor. Lyam inclinou-se para Caldric, dizendo:

— Anita.

O rosto idoso de Caldric se iluminou com um sorriso radiante enquanto ele dava risadinhas abafadas ao compreender.

— Então me parece que em breve você voltará a partir, desta vez rumo a Krondor e ao casamento de seu irmão.

— Preferíamos que fosse celebrado aqui, mas a tradição dita que o Príncipe se case em sua própria cidade e temos de nos submeter à tradição. Contudo, ainda demorará algumas semanas. Essas cerimônias demoram e temos um reino para governar, embora nos pareça que você fez um bom trabalho em nossa ausência.

— Talvez, Majestade, contudo, agora que o Rei está de novo em Rillanon, muitos dos assuntos suspensos nesse último ano serão trazidos à sua consideração. As petições e outros documentos que lhe enviamos durante sua viagem representam apenas um décimo daquilo que é preciso analisar.

Lyam emitiu um gemido fingido.

— Creio que pedirei ao capitão que zarpe imediatamente.

Caldric sorriu.

— Venha, Majestade. A cidade deseja ver seu Rei.

O jardim oriental estava vazio, à exceção de um vulto que se deslocava tranquilamente entre os vasos bem cuidados de flores que ainda não estavam preparadas para florescer. Algumas mais robustas já ganhavam o verde brilhante da primavera e muitas das sebes limítrofes eram de folhas sempre verdes, mas ainda assim o jardim evocava sobretudo o símbolo estéril do inverno, mais do que a promessa fresca da primavera que iria se manifestar em poucas semanas.

Anita olhou para Rillanon lá embaixo. O palácio fora construído no topo de uma colina, onde outrora existira apenas uma grande torre que ainda constituía seu núcleo central. Eram sete as pontes de arcos elevados atravessando o rio que rodeava o palácio com seu curso de água sinuoso.

O vento da tarde soprava fresco e Anita ajeitou o xale de seda fina ao redor dos ombros.

Ela sorriu ao recordar. Seus olhos verdes ficaram turvos de lágrimas ao se lembrar do falecido pai, o Príncipe Erland, e de tudo o que sucedera no ano anterior e mais ainda: como Guy du Bas-Tyra chegara a Kronдор e tentara forçá-la a um casamento por interesse de Estado e como Arutha chegara incógnito a Kronдор. Juntos, tinham se mantido na clandestinidade sob a proteção dos Zombadores — os ladrões de Kronдор — por mais de um mês até fugirem para Crydee. No final da Guerra do Portal, viajara para Rillanon para assistir à coroação de Lyam. Durante esses meses, também se apaixonara perdidamente pelo irmão mais novo do Rei, Arutha, que voltara a Rillanon.

O som de botas nas lajes levou-a a se virar. Anita esperava ver um serviçal ou um guarda que lhe viesse anunciar a chegada do Rei ao porto. Em vez disso, viu se aproximar um homem com ar cansado, vestindo roupas de viagem elegantes mas amarrotadas. Seu cabelo castanho-escuro estava desgredado pela brisa e círculos escuros rodeavam seus olhos castanhos. O rosto magro apresentava o ar ligeiramente carrancudo que adotava quando ponderava sobre algo sério e que ela considerava encantador. Ao se aproximar, Anita maravilhou-se em silêncio com a forma como ele caminhava com agilidade, um movimento quase felino em sua graciosidade e economia de movimentos. Ao se aproximar, ele sorriu, hesitante, quase timidamente. Antes de conseguir recorrer a anos de comedimento aprendido na corte, Anita percebeu que as lágrimas começavam a correr. De repente, viu-se em seus braços, abraçando-o com força.

— Arutha — foi tudo o que conseguiu dizer.

Durante algum tempo ali ficaram, calados, num abraço apertado. Em seguida, Arutha inclinou a cabeça de Anita para trás e a beijou. Sem palavras, falou da devoção e da saudade e, sem palavras, ela respondeu. Ele fitou aqueles olhos tão verdes como o mar e o nariz encantadoramente salpicado por uma pequena mancha de sardas, uma imperfeição agradável numa pele completamente clara.

— Regressei — disse, com um sorriso cansado.

Riu perante a obviedade do comentário. Ela também riu. Sentiu-se animado por ter aquela mulher jovem e esbelta nos braços, por sentir o odor delicado do cabelo ruivo escuro penteado de uma forma complexa que, nessa estação, era moda na corte. Alegrou-se por estar novamente com ela.

Anita afastou-se, mas lhe deu a mão, apertando a dele com força.

— Já passou tanto tempo — disse em voz baixa. — Era só para ser um mês... depois mais outro e muitos mais se seguiram. Você está ausente há mais de seis meses. Não tive coragem de ir às docas. Sabia que não conteria o choro assim que avistasse você. — Tinha o rosto úmido de lágrimas. Sorriu e enxugou-as.

Arutha apertou-lhe a mão.

— Lyam estava sempre encontrando mais nobres para visitar. Deveres do Reino — disse num tom sarcástico de desaprovação. Desde o dia em que conhecera Anita, Arutha fora incapaz de expressar seus sentimentos pela moça. Fortemente atraído por ela desde o início, debatera-se constantemente com as emoções após a fuga de ambos de Krondor. Era grande a atração por ela, porém encarava-a como pouco mais do que uma criança prestes a atingir a maioridade. No entanto, Anita revelara-se uma influência tranquilizadora, interpretando seus estados de espírito como ninguém, pressentindo a melhor forma de mitigar suas preocupações, de conter sua raiva e de afastá-lo de suas introspecções sombrias. Além disso, Arutha começara a amar seus modos delicados.

Ele permanecera em silêncio até a noite anterior à partida com Lyam. Tinham passeado naquele jardim, conversando até altas horas, ainda que não tivessem dito nada de grande importância, Arutha partiu com o sentimento de que haviam alcançado uma espécie de entendimento. O tom apressado e por vezes até um pouco formal das cartas dela o deixara preocupado, receoso de tê-la interpretado erroneamente naquela noite; contudo, naquele momento, olhando para ela, sabia que isso não acontecera. Sem rodeios, declarou:

— Desde que parti, pouco mais fiz além de pensar em você.

Reparou que os olhos da Princesa se enchiam novamente de lágrimas ao dizer:

— E eu em você.

— Eu amo você, Anita. Desejo você a meu lado para sempre. Aceita se casar comigo?

Ela apertou a mão dele com força ao responder:

— Aceito. — E voltou a abraçá-lo. A mente de Arutha deixou-se levar sob o simples efeito da felicidade que sentia. Abraçando-a com força, sussurrou:

— Você é a minha alegria. É o meu coração.

Ali ficaram algum tempo, o Príncipe alto e esguio e a esbelta Princesa

cuja cabeça mal lhe chegava ao queixo. Conversavam em voz baixa e nada parecia importante à exceção da presença um do outro. Foi então que o som constrangido de alguém pigarreando os fez sair de seus devaneios. Viraram-se e viram um guarda do palácio à entrada do jardim.

— Sua Majestade se aproxima, Vossas Altezas — informou. — Dentro de poucos minutos irá entrar no grande salão.

— Iremos imediatamente — respondeu Arutha.

Levou Anita pela mão, passando pelo guarda, que os seguiu. Caso Arutha e Anita tivessem olhado por cima do ombro, teriam visto o experiente guarda do palácio lutando para reprimir um grande sorriso.

**A**rutha deu um aperto final na mão de Anita, posicionando-se depois ao lado da porta no momento em que Lyam entrou no grande salão do trono. À medida que o Rei avançava para o estrado onde estava colocado o trono, os membros da corte lhe faziam reverências e o Mestre de Cerimônias da Corte batia no chão com a ponta de ferro de seu bastão cerimonial. Ouviu-se um arauto:

— Escutem! Escutem! Que a notícia se espalhe: Lyam, primeiro de seu nome e, pela graça dos deuses, legítimo soberano, regressou a nós e volta a sentar-se em seu trono. Vida longa ao Rei!

— Vida longa ao Rei! — ouviu-se a resposta daqueles que estavam reunidos no salão.

Depois de sentar-se, com o simples aro de ouro que o cargo exigia sobre a testa e de manto roxo nos ombros, Lyam disse:

— É agradável estar de novo em casa.

O Mestre de Cerimônias da Corte voltou a bater com o bastão no chão e o arauto anunciou o nome de Arutha. Arutha entrou no salão, seguido por Carline e Anita, com Martin logo atrás, como ditava o protocolo. Foram anunciados por ordem. Quando estavam todos em seus lugares ao lado de Lyam, o Rei fez um sinal a Arutha.

Arutha aproximou-se dele, inclinando-se.

— Fez o pedido? — perguntou o Rei.

Com um sorriso enviesado, Arutha respondeu:

— Qual pedido?

Lyam sorriu abertamente.

— O pedido de casamento, pateta. Claro que fez, e, tendo em conta esse seu sorriso bobo, ela aceitou — sussurrou. — Volte para seu lugar e em breve farei o anúncio. — Arutha voltou para o lado de Anita e Lyam fez um sinal

ao Duque Caldric. — Estamos exaustos, meu Lorde Chanceler. Muito nos agradaria se abreviassem os assuntos deste dia.

— Há dois assuntos que julgo exigirem a atenção imediata de Vossa Majestade. O relato geral pode esperar.

Lyam sinalizou a Caldric que prosseguisse.

— Em primeiro lugar, dos Barões Fronteiriços e do Duque Vandros de Yabon nos chegaram relatos de movimentos fora do comum da parte dos goblins no Reino Ocidental.

Ao ouvir isso, a atenção de Arutha desviou-se de Anita. Cabia a ele o governo do Reino Ocidental. Lyam olhou em sua direção, depois na direção de Martin, indicando que deviam prestar atenção. Martin quis saber:

— Que notícias tem de Crydee, meu senhor?

Ao que Caldric respondeu:

— Não temos notícias da Costa Extrema, Vossa Graça. Neste momento, dispomos somente de relatos da área compreendida entre o Castelo Alto a leste e o Lago do Céu a oeste, avistamentos constantes de bandos de goblins deslocando-se para o norte e incursões ocasionais quando passam pelos povoados.

— Rumo ao norte? — Martin olhou de relance para Arutha, que disse:

— Com a permissão de Vossa Majestade? — Lyam assentiu. — Martin, acredita que os goblins estão se juntando à Irmandade da Senda das Trevas?

Martin ponderou.

— Não descartaria essa possibilidade. Há muito que os goblins servem os moredhel. Embora esperasse ver os Irmãos Negros rumo ao sul, regressando às suas terras na Cordilheira das Torres Cinzentas. — Os primos negros dos elfos tinham sido obrigados a fugir para norte das Torres Cinzentas devido à invasão tsurani durante a Guerra do Portal. Martin se dirigiu a Caldric: — Meu senhor, tem havido relatos a respeito da Irmandade das Trevas?

Caldric abanou a cabeça.

— Os avistamentos habituais ao longo dos pés das Presas do Mundo, Duque Martin, mas nada de extraordinário. Os Lordes de Sentinela do Norte, Passagem de Ferro e Castelo Alto têm enviado os relatórios habituais a respeito da Irmandade e nada mais do que isso.

— Arutha, você e Martin ficarão incumbidos de analisar esses relatórios e determinar o que poderá ser preciso no Ocidente — disse Lyam e, em seguida, olhou para Caldric. — Que mais, meu senhor?

— Uma mensagem da Imperatriz do Grande Kesh, Vossa Majestade.

— O que tem Kesh a dizer às Ilhas?

— A Imperatriz deu ordens para que seu embaixador, um tal de Abdur Rachman Memo Hazara-Khan, viesse às Ilhas com o propósito de discutir o término das discórdias que possam ainda permanecer entre Kesh e as Ilhas.

— Essas notícias nos agradam, meu senhor. Há muito que a questão do Vale de Sonhos impede que nosso Reino e o Grande Kesh se tratem com igualdade em tantos outros assuntos. Seria duplamente benéfico para nossas nações se pudéssemos resolver de vez essa questão. — Lyam levantou-se. — No entanto, envie mensagem a Sua Excelência indicando que terá de se reunir conosco em Krondor, pois temos um casamento a realizar. Meus senhores e minhas senhoras da corte, é com imenso prazer que anunciamos o matrimônio, a ser realizado em breve, de nosso irmão Arutha com a Princesa Anita. — O Rei virou-se para Arutha e Anita, pegando na mão de cada um e apresentando-os à corte reunida, que aplaudiu o anúncio.

De onde estava, ao lado dos irmãos, Carline fulminou Laurie com o olhar e foi beijar Anita. Com o salão tomado por um grande entusiasmo, Lyam disse:

— Damos por terminados os assuntos deste dia.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)